

70 anos de RBAs e as vozes do sul: lutas e legados

Denise Fagundes Jardim

A listagem completa das reuniões está disponível no portal da ABA, mas nada se compara ao ato de lembrar. Este é um ato fundamental para nos percebermos entrelaçados à Associação e a uma experiência geracional que se abre para ouvir outras gerações, sejam elas as que nos precedem ou as que chegam com seus anseios e com a expectativa sobre novos caminhos da profissionalização. São momentos preciosos para conhecer as intensidades vividas em uma associação, suas lutas e seus legados.

As Reuniões Brasileiras de Antropologia já têm um acúmulo na região sul. Seguindo a ampla circulação das reuniões itinerantes no Brasil, é importante ressaltar que, embora seu início tenha sido no Rio de Janeiro, em Salvador e Recife, a quarta edição foi realizada em Curitiba; com retorno para o sul em outras edições, a exemplo de 1963 quando foi sediada em São Paulo. As reuniões circularam pelo Brasil a primeira vez nas cidades de Curitiba/PR (1959) e São Paulo (1963 e 1971), mas há que se lembrar que, em 1974, ocorreu em Florianópolis/SC. Em 1992, tivemos a presidência da ABA de Silvio Coelho dos Santos da Universidade Federal de Florianópolis (UFSC), e a vice-presidência de Claudia Fonseca, com a realização da RBA em Florianópolis.

No momento em que organizamos uma nova reunião de antropologia voltando ao modo presencial, a oportunidade de ouvir sobre a luta que é organizar uma reunião que retoma o modo presencial, depois de um período de pandemia, temos a oportunidade única de aprendizado e

fortalecimento. Sobretudo, isso consolida a percepção de que é no encontro, no debate e nas controvérsias face a face que a antropologia se renova e fortalece. Cada reunião nos desafia a criar e adotar novos formatos para a interlocução. Foi nessas reuniões que as premiações, e a criação de prêmios e distinções, buscavam tornar atraente a reunião e espelhar a diversidade de seus associados e de suas associadas.

O desafio da organização, em épocas sem empresas contratadas, contava com a energia dos colegas que sediaram a reunião. Hoje, devido à magnitude de número de associados e associadas que participam das reuniões, temos adotado o suporte de organizações profissionais de eventos.

Entretanto, elas seguem sendo um momento de muito cuidado, pois elas nos mostram o valor de comissões locais e do envolvimento decisivo dos associados em produzir as condições para que as reuniões se tornem momentos especiais, memoráveis.

Na fala de nossos convidados e das convidadas, podemos dimensionar a aventura de organizar reuniões e entender que, mesmo o inesperado, é surpreendente. Um dos dados fundamentais diz respeito ao quantitativo de presenças nas reuniões, do aumento considerável de participantes, mesas e grupos de trabalhos a cada reunião ocorrida, bem como a diversificação de ações visando o atendimento da pluralidade desses grandes eventos.

O professor Ruben Oliven lembra de sua primeira reunião de antropologia, quando retornou do doutorado em 1978, uma reunião realizada em Recife. Seu envolvimento, portanto, ocorreu ao longo desses anos como secretário geral na diretoria de Manuela Carneiro da Cunha (1968), o que permite detalhar a importante atuação da ABA durante a Constituinte. Ressalta sobre acordos seminiais entre a ABA e o Procurador Geral da República que começara informalmente ali e se consolidou anos depois como um acordo de cooperação vigente até hoje.

Detalha o modo como, em sua gestão como presidente da ABA, houve um movimento visando a uma profissionalização da associação, tanto em termos de aumento da equipe identificada como diretoria, no estatuto, como de sua identificação como associação para seus associados e suas

associadas, com cadastro, carteira de associado(a) e resposta para demandas de modo imediato. Foram promovidos cursos e oficinas itinerantes, que estenderam a atuação da ABA, de modo presencial em diferentes lugares e durante o ano, se mostraram novas práticas muito bem recepcionadas pelos sócios e pelas sócias no Brasil.

A reunião de 2002, sob sua presidência, saiu da sede de trabalho na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, para a cidade de Gramado/RS, em 2002, a fim de oferecer aos visitantes um momento de encontro único, que exigiu uma prospecção de uma cidade, dos equipamentos da própria UFRGS nessa outra cidade, e uma equipe que dali se consolidara para receber outros eventos de projeção para a antropologia. Sobretudo, Ruben aponta para a importância que a antropologia alcançou no contexto político daquele momento. No cenário brasileiro, destaca suas manifestações em defesa de direitos constitucionais que foi exemplificada na manifestação em defesa de comunidades quilombolas ameaçadas pela Base de Alcântara, no Maranhão, e que já eram tema de intenso debate entre comissões e associados(as). Discorre sobre esse patrimônio institucional, a consolidação de um modo de administrar a associação, que foi sendo consolidada, bem como sua atuação na interlocução com agentes públicos.

Como uma antropóloga deste “Paralelo 30” e da mesma universidade, não posso deixar de pensar que a Reunião da ABA de 2002 foi um impulso e fortalecimento para outras aventuras no sul do Brasil, como a realização das edições das Reuniões de Antropologia do Mercosul, na criação das quais Ruben Oliven esteve diretamente envolvido, desde a primeira edição em Tramandaí/RS, nos anos de 1994.

Com a presença de Miriam Grossi pudemos retornar às lembranças dos anos 1970, nos desafios de realizar reuniões na UFSC durante a ditadura, ou mais recentemente, com o confisco de poupanças em 1990 no início do governo Collor, ano que contou com a participação de Claudia Fonseca na vice-presidência da ABA.

Miriam Grossi nos oferece uma percepção sobre a constituição da antropologia na UFSC e seu lugar nos anos 1960, lembrando o professor

catedrático Osvaldo Rodrigues Cabral, médico, autodidata e que concretiza, nos anos 1960, um museu da UFSC. Atuando sob inspiração boasiana fundou uma antropologia constituída de quatro campos (antropologia biológica, arqueologia, antropologia cultural e linguística). Nos anos 1970, sob Ditadura Militar e com o exílio de muitos antropólogos, a exemplo de Darcy Ribeiro, a reunião ocorreu em 1974, na UFSC; já naquele momento tinha Silvio Coelho dos Santos como parte da organização.

A professora Miriam nos mostra que as presidências de reuniões de antropologia abrem novas possibilidades. Sob sua presidência, a 25ª Reunião de Antropologia Brasileira foi realizada na cidade de Goiânia em 2006, o que oportunizou uma interiorização da reunião, mas sobretudo significou a ampliação do circuito acadêmico que pudesse alavancar novas articulações entre antropologia e arqueologia em uma área de patrimônio cultural. Uma articulação entre duas instituições locais que deixam de ser somente concorrentes e abraçam a realização de uma reunião capaz de produzir uma valorização da relação entre os movimentos sociais e os circuitos acadêmicos. Uma reunião com mais de 1.500 pessoas que puderam ser recebidas em um momento especial de nosso país, que apontava para convênios com políticas públicas e teve a presença de ministros de governo na abertura da RBA. Estava a pleno vapor a articulação entre órgãos de Estado, movimentos sociais e campo acadêmico em torno do aprimoramento de políticas públicas.

A 25ª Reunião instaura os eventos pré e pós-reunião, que já é uma realidade nas agendas das demais RBAs. Um dos legados importantes é que, após a RBA em Goiânia, foi criado o Curso de Pós-Graduação em Antropologia em 2008 (UFG).

Podemos, uma vez mais, apontar que as reuniões Brasileiras de Antropologia fortalecem as antropologias por onde passam, mesmo quando coincidimos com uma Copa do Mundo, a exemplo de Goiânia, gerando o que Miriam Grossi chamou de nosso momento único de *communitas*.

Através da presença de Carmem Rial lembramos os três eixos que foram sendo cuidados pela diretoria em sua gestão (2010-2012), qual seja,

comunicação, internacionalização e interiorização. Entre tantos eixos de atuação, o crescente reconhecimento internacional da ABA e a circulação de pesquisadores brasileiros em eventos internacionais vinha sendo percebido e fortalecido nas políticas da ABA. As linhas editoriais vêm se expandindo. Recordo que, se temos a revista *Vibrant* desde 2004, ela ingressara no portal Scielo em 2011 e, em 2017, ganhou novo impulso na disseminação de dossiês temáticos.

Carmem Rial refere que ademais de seguir o acúmulo de ações já inauguradas nas RBAs anteriores, a 29ª Reunião em Natal/RN, em 2014, foi a maior RBA de todos os tempos, assim também lembrado recentemente por Antônio Carlos Souza Lima. Com inovações pontuais valorizando as formas de interlocução das reuniões, a 29ª Reunião reuniu grupos de comunicações coordenadas, conferências na forma de duetos e conferência de antropólogos indígenas, pela primeira vez. Composta com 33 mesas redondas e 33 grupos de trabalho expressaram a magnitude que a reunião alcançava. Realizando pré-eventos no Museu sobre indígenas do Nordeste, com a exposição e a presença de indígenas e pré-evento sobre laudos periciais. Com 3.800 inscritos, a RBA se mostra um evento de longo alcance, não só pela frequência mas pelas procedências tendo muitos visitantes estrangeiros, argentinos, espanhóis, portugueses. A logística para o encontro exigiu o financiamento de 505 pessoas para um encontro presencial, com uma série de financiamentos que foram alcançados para o evento.

Foi nesta edição que criamos um prêmio para dissertações de mestrado, algo que até então não existia, e com um nome sugerido por Marisa Corrêa, o de uma pesquisadora brasileira: Heloísa Alberto Torres.

Foi lembrada essa grande aventura de produção de uma reunião em 2014, em sintonia com as questões pungentes do momento. Naquele cenário, seguiam-se os debates sobre a Usina de Belo Monte, o entendimento de como tratar de novas formas de exercício profissional da antropologia na Associação e a atualização do código de ética, em especial, relacionada a um fórum específico e governamental para tal finalidade ser debatida no âmbito governamental.

As conexões exigidas para a realização de uma reunião, seja com os debates públicos, seja com suas urgências revelam a energia despendida e as lutas que travamos para manter as reuniões. O que nos leva ao mais recente organizador que localizamos para participar desse evento remoto na TVABA sobre as vozes do sul.

A voz de João Rickli (UFPR) compõe essa lembrança, como membro da diretoria sul da gestão da ABA, sob a presidência de Patrícia Birman, entre os anos de 2021 e 2022. João Rickli presidiu a organização da 33ª RBA, em sua segunda edição no modo remoto, ainda vivendo os cuidados exigidos na pandemia de Covid-19. Se em 2020 a 32ª RBA foi transposta para o modo remoto de forma urgente, o planejamento da 33ª RBA, que seria em Curitiba em um momento pós-pandêmico, colocou na balança qual o potencial de gerenciar a expectativa de reencontro considerando as tarifas aéreas altas para mover associados para o sul do país, o perigo de um fechamento com novas ondas de Covid-19 que poderiam impor a transposição emergencial da reunião para o modo remoto.

Considerando tais aspectos, a RBA de 2022 buscou combinar eventos locais, centrados no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/UFPR), em Paranaguá/PR, cidade a 100 quilômetros de Curitiba, com povos indígenas, do litoral e de movimentos negros da capoeira para uma vivência local para aqueles que fossem entrar em contato com o Paraná e nossos interlocutores de pesquisa, a fim de mostrar o Museu em uma sede muito bonita criada, nos anos 1960, pelo professor Loureiro Fernandes, que participou da diretoria da ABA em 1958.

A diretoria da ABA veio para o Paraná para viver presencialmente a RBA, para se encontrar como diretoria pela primeira vez, depois de um trabalho inteiramente remoto durante a pandemia. Entre tantos parceiros de gestão, destaco a ação de Carly Machado na comunicação, visto que deixou para a ABA o legado da constituição de um comitê de comunicação e uma metodologia de trabalho nas redes sociais. Hoje as redes sociais alcançam 18 mil seguidores apenas no Instagram, estabelecendo uma comunicação ágil e mais abrangente, em comparação a outras associações científicas no

Brasil e mundialmente se destacando nesse impulso de divulgação da ciência. A busca de financiamentos para a RBA reflete o empenho desta gestão em reunir aportes e possibilitar um conjunto de isenções na RBA bastante abrangente.

Rickli recorda e avalia que o ônus de um encontro remoto, sem a possibilidade de estar “apenas na reunião”, significa todos nós acumularmos muitas tarefas cotidianas. Isso fez com que essa fosse uma RBA de muita intensidade para os participantes. Houve momentos de aprendizado muito importantes, mediante “diálogos difíceis, mas muito bem realizados” com os comitês da ABA constituídos como inscrições que atualizam a própria antropologia na abordagem e em questões raciais e indígenas pelos indígenas e “antropólogos negrxs” nas intensidades da associação e no desenho institucional da associação.

Ao final, os expositores foram provocados a fazer um “balanço” sobre a própria antropologia e o que as reuniões significariam na história da antropologia. Entre saltos da memória, as intensidades das reuniões vividas apontam para várias dimensões.

As reuniões permitem, como refere Carmem Rial, uma formação de uma identidade profissional. Refraseando sua percepção, entendo que nós circulamos pelo Brasil e essa é também uma forma de reconhecer a pluralidade que precisamos reconhecer.

“Dar, receber e retribuir”, as reuniões são visitas, receber e visitar, fazer parte do *potlatch*, uma demonstração do gosto por “fazer melhor”, como refere Miriam Grossi. Para ela, é entrar no “circuito de dádivas”. Um momento intergeracional, mas uma viagem de colegas de um mesmo lugar para o qual voltam transformados e receptivos aos seus próprios colegas, fazendo das reuniões um forte elo afetivo entre colegas.

João Rickli sintetiza que, ainda que o virtual carregue um tanto de frustração, pelo virtual ser tão diferente do que estávamos acostumados, ele deixou muitos aprendizados. Na UFPR, entre os legados, João Rickli aponta para o reconhecimento do grupo de colegas que, no Paraná, puderam olhar para sua própria inscrição na história da antropologia.

Como ressalta Ruben Oliven, e João Rickli exemplifica, é sempre possível que uma primeira RBA seja marcante na memória como “uma primeira vez”, mas não é estranho que, anos depois, aquela inocente primeira vez se transforme em um compromisso maior em participar da ABA como membro de organização, de uma de nossas desejadas reuniões. Ruben Oliven reitera o encontro intergeracional como parte fundamental das Reuniões Brasileiras de Antropologia.

Mas, até onde a memória alcança? Não deixe de visitar o link da cronologia das RBAs na página da ABA. Nas mensagens deixadas nesta live na TVABA, a assistência foi provocada a manifestar sobre onde foi sua primeira RBA. Os participantes on-line deixaram pistas sobre sua memória e assim “ativam” as nossas. Com esses registros, aqui apontamos para uma abertura não apenas para um memorialismo, mas para o valor dos novos encontros e dos afetos que compõem nossa profissionalização.

Que sejam bem-vindas outras reuniões, outros tempos e lugares para fazermos novas memórias!